

# TODO ROMANCE É UM TIPO SUPERIOR DE AUTOBIOGRAFIA: À GUIA DE APRESENTAÇÃO

Salta o peixe das vastidões do mar, salta o peixe e este salto nem sempre ocorre no momento propício, nem sempre advém próximo à terra, às ilhas, aos arrecifes, nem sempre há luz nessa hora, pode o peixe encontrar um céu negro e sem ventos, ou uma tempestade noturna sem relâmpagos, ou uma tempestade de raios e relâmpagos, assim o salto, o instante do salto, esse rápido instante pode coincidir com a treva e o silêncio, pode coincidir com o mundo ensolarado, enluarado, o peixe no seu salto pode nada ver, pode ver muito, pode ser visto no seu brilho de escamas e de barbatanas, pode não ser visto, pode ser cego e também pode no salto, no salto, no salto, encontrar no salto, exatamente no salto, uma nuvem de pássaros vorazes, ter os olhos vazados no momento de ver, ser estraçalhado, convertido em nada, devorado, e o espantoso é que esses pássaros famintos representam a única e remota possibilidade, a única, concedida ao peixe, de prolongar o salto, de não voltar às guelras negras do mar. Mas não serão essas aves, seus bicos de espada, uma outra espécie de mar, sem nome de mar?

OSMAN LINS

A longa citação acima, que o leitor de *Avalovara* encontra no fragmento 8 da linha narrativa O do romance, frequentemente intitulado “O salto do peixe”, é uma bem urdida metáfora da existência humana, mostrando as muitas variedades de percursos de vida, e considerando sobretudo a brevidade de cada um desses percursos. Por aludir à existência e – de algum modo - à fugacidade do tempo que a caracteriza e que determinava em Osman Lins uma necessidade frenética de escrever (como se o tempo de uma vida não bastasse para sua literatura iluminada), o grupo de pesquisa Estudos Osmanianos da Universidade de Brasília se valeu dessa metáfora para configurar o evento que organizou em 2020 (setembro

instante do salto: Literatura e Biografia em Osman Lins, cujas conferências, mesas-redondas e painéis – ainda que em parte, apenas – constituem este número da Revista *Littera*. Trata-se de conjunto de artigos que erigem estudo minucioso dos elementos biográficos do texto osmaniano, não apenas enumerando-os ou mesmo identificando-os, apontando o papel que exerceram na concepção e elaboração de suas obras, mas também acenando para as próprias regras do traçado escritural de Lins: os recursos, as estratégias, todo o arsenal utilizado em

sua oficina, levando em conta a questão dos traços pessoais e realísticos que surgem em sua obra literária. Sabemos que todo escritor recorre à memória do vivido, a leituras realizadas, a fatos acontecidos, para compor seus textos. Mas no caso de Lins, tal recorrência é demasiada e facilmente pode ser detectada pelo leitor curioso, aquele que procura ler um pouco mais do que apenas o romance.

Escolhe a palavra TENET, não apenas por ser um verbo indicativo de posse, de domínio, fator de alta importância para ele, um escravo, como por subentender (tenet: “conduz”, “sustém”; mas quem conduz, quem sustém?) a existência de um terceiro, um agente, alguém que age, desconhecendo-se porém a sua identidade e o que faz ao certo. Também pesa em sua escolha a circunstância de que, escrevendo a palavra duas vezes, em cruz, de maneira que o N sirva de ponto de intersecção, e eliminando em seguida a sílaba pousada — ou plantada, ou cravada — sobre a palavra horizontalmente escrita, evoque, a disposição das letras restantes, ampliado, o desenho do T, início e fim do vocábulo.

Esta curiosidade não teria, para Loreius, maior importância se a cruz, a cruz em T, não fosse o instrumento com que se supliciam os escravos fugitivos. No dialeto dos seus pais, originários de Lâmpsaco, na Frigia, net, partícula que resta da palavra tenet uma vez eliminada a sílaba inicial, significa “não mais”, com o que entrevê o imaginoso servo de Ubonius, nesse jogo com o TENET, uma espécie de logogrifo, acessível apenas à sua compreensão de escravo. Assim se traduz o seu entendimento da charada: “Loreius, caso descubra o que ambiciona o senhor, conduzirá livremente a sua existência e não mais será crucificado se tentar fugir”.

Quando lemos nesse fragmento S 6 de *Avalovara*, o que teria levado Loreius à escolha da palavra central da frase palíndroma, resta muito claro que para Osman Lins criação alguma vem absolutamente do nada, da imaginação pura, mas de uma série de eventos da vida do criador, cujo significado profundo não apenas permanece em sua alma, como forja toda a sua criação. Facilmente percebemos a conexão entre a obra e a vida do criador, aí incluídas questões de valores e de crenças, além daquelas relacionados a sua origem e suas circunstâncias. Não fosse Loreius um escravo, não fosse filho de frígios e conhecedor de seu dialeto, outra seria a frase. Daí o título dessa apresentação, palavras escritas um dia pelo romancista Alberto Moravia.

Quando se pensa escrever algo sobre literatura e biografia, descobre-se o quanto esses conceitos, tomados em sua essência, são problemáticos. Se refletir sobre eles

isoladamente já oferece dificuldades, imagine-se quando a intenção é descrever as gradações de soluções que os dois juntos engendram, gradações que vão do romance autobiográfico propriamente dito até o romance que se afirma ficcional, mas no qual se delineia com nitidez a presença do sujeito que o escreve. Ora, um dos aspectos que nos chama atenção no texto do pernambucano Osman Lins é justamente a utilização de elementos autobiográficos que o constituem. Incrível a consciência que o leitor interessado adquire diante da quase totalidade da matéria informativa transmitida por Abel, personagem de *Avalovara*, corresponder ao que foi empiricamente vivido por Osman Lins. Em alguns trechos do romance, o autor (Lins) e o narrador (Abel) como que se cruzam e um inegável autobiografismo parece identificar o criador e a criatura no horizonte comum da experiência vivida e relatada. A narração de Abel repete quase fielmente os eventos que Osman Lins viveu. Abel quase vê a paisagem com os contornos com que Lins a viu.

A primeira pergunta feita pelo *Jornal da Cidade* em entrevista com o autor em 1976 foi: “Seus romances são autobiográficos?”, à qual ele respondeu: “Sempre tem um pouco do autor naquilo que ele escreve. É do ser humano tentar fazer uma bola de cera e nela deixar as marcas” (LINS, 1979, p. 207). Não foi, todavia, esse jornal a desbravar o tema junto ao escritor. Dois anos antes, em entrevista para *O Estado de São Paulo*, Esdras do Nascimento já lhe perguntara se o romance *Avalovara* não seria em realidade o resultado da utilização romanesca de episódios inteiramente reconstruídos de sua biografia. Lins negou, embora reconhecesse haver na página – e facilmente detectáveis – fragmentos de sua própria vida. Como então, teoricamente, explicar em que medida tais fragmentos participam do texto e o que neles termina sendo ficção ou realidade? E o que são ficção e realidade? Em última instância, o que foi então proposto aos participantes do evento – refletir sobre o texto osmaniano no que se refere à sua natureza híbrida de ficção e autobiografismo – conduz o leitor, de certo modo, à compreensão do mecanismo mesmo da criação artística, através da releitura de conceitos como autoria, intertextualidade, memória, estratégia narrativa, em questões que forçosamente vieram à tona, na medida em que o tema foi se aprofundando nas inúmeras tardes em que nos reunimos virtualmente. Aqui se encontram artigos cuja escrita partiu do exame de documentos específicos como correspondência familiar e com amigos, pequenos diários e fotos, e que ajudam a compor extenso painel da vida desse escritor. Pela chave do **biográfico**, tudo o que foi apresentado pelos pesquisadores sobre a

obra do autor pernambucano e sobre aspectos de sua vida, dá margem à ampliação do que denominamos a teorização de sua arte - a arte de tecer romances - como ele próprio a definiu em mais de uma vez.

Recife, 28 de fevereiro de 2021

Elizabeth Hazin